

Aprendizagem musical de pais e filhos: uma cena de campo

Comunicação

Larissa Fernanda da Silva Dias
Universidade Estadual de Maringá
Pg404878@uem.br

Vania Aparecida Malagutti da Silva
Universidade Estadual de Maringá
vamsloth@uem.br

Resumo: Este trabalho constitui-se como um recorte de uma cena de campo de uma pesquisa em andamento intitulada: Pais e filhos em um processo de ensino e aprendizagem musical: um estudo da turma de musicalização do Laboratório Cultural de música vinculada ao Sesc Maringá. Essa pesquisa propõe uma análise em relação a dinâmica de pais e filhos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem musical, especificamente através da turma de musicalização. Utilizando uma abordagem qualitativa, o estudo examina como ocorre a participação conjunta de pais e filhos na aula musicalização e como esse processo impacta em suas aprendizagens musicais. Nesse trabalho, apresento resultados parciais a partir de uma cena onde a música cultivada na cultura familiar de uma das famílias, foi trazida para a sala de aula e como pai, filho e demais participantes puderam tocá-la a partir de aprendizados musicais obtidos nas aulas como: identificação de andamento, ritmo, ostinatos e sugestões de instrumentação e arranjo. A forma como a aula de musicalização proporcionou a eles a experiência de tocar uma música, que antes apenas escutavam e que possui um significado importante para a família, é um dos aspectos mencionados nesse artigo.

Palavras-chave: aprendizagem musical, musicalização, parentalidade

Introdução: sobre a pesquisa

Apresento nesta comunicação um recorte de uma cena de campo de uma pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós Graduação em Música da Universidade Estadual de Maringá, na linha de pesquisa Educação Musical e tem como campo temático a aprendizagem musical de pais e filhos, observada em uma turma de musicalização onde priorizamos a participação ativa das crianças e de seus pais. Para discutir esta problemática, o entendimento de criança adotado na pesquisa se localiza na perspectiva da sociologia da infância, entendendo as crianças como atores sociais ativos e a infância como uma fase importante do desenvolvimento humano. Aliado a este entendimento, trago também conceitos relativos a

parentalidade e a musicalização infantil.

A infância é considerada como o momento que marca a fase inicial da vida do ser humano, compreendendo o período desde o nascimento até a sua adolescência. Nela, passamos por diversas fases de aprendizado e crescimento, adquirindo habilidades motoras, linguísticas, sociais e intelectuais a partir de diversos fatores, inclusive dos estímulos que recebemos. De acordo com a sociologia da infância, esse momento trata-se de uma construção social que varia ao longo do tempo e em diferentes culturas.

As definições e expectativas em relação à infância são moldadas pelas normas, valores e crenças da sociedade em que as crianças estão inseridas. Como afirma Qvortrup (2014), "ao contrário da infância individual, a infância sociológica é muito mais suscetível a mudanças históricas, enquanto a dinâmica da infância individual pode ser encontrada no desenvolvimento da personalidade" (Qvortrup, 2014, p. 25). Assim, pode-se afirmar que a sociologia da infância é uma abordagem teórica e metodológica que busca compreender a infância como uma construção social, cultural e histórica, em vez de concebê-la como um estágio biológico universal.

Essa perspectiva foi desenvolvida a partir dos anos 1980 e representa uma mudança significativa na maneira como a sociedade concebe as crianças e sua posição na sociedade. Algo a se destacar sobre as contribuições desse estudo é que antes dessa abordagem, a visão dominante na sociologia e em outras ciências era de que as crianças eram vistas como seres incapazes, imaturos e passivos, cujo único papel era serem preparadas para se tornarem adultos produtivos. No entanto, a sociologia da infância entende que as crianças são atores sociais ativos, possuindo suas próprias perspectivas, culturas e formas de interagir com o mundo que as rodeia.

Partindo dessa abordagem que "entende" a criança como agente importante nos processos, essa pesquisa prioriza observar as aulas de uma turma de musicalização do Sesc¹ observando as contribuições que as próprias crianças e trazem para a sala de aula, e de que maneira isso propicia a vivência musical ampla

¹ Sesc foi criado em 1946, como compromisso de que empresários do setor colaborariam com o cenário social por meio de ações que beneficiassem empregados e seus familiares com melhores condições de vida e desenvolvimento de suas comunidades de residência. Com o passar do tempo, esse trabalho foi estendido a toda a população, como forma de cooperar com a sociedade e contribuir para a igualdade social.

e sistematizada partindo do universo das crianças em parceria com seus pais. Uma característica existente nessa turma é que nela priorizamos a expressão, criatividade e o respeito aos processos e a autonomia das crianças.

A turma é composta por 16 crianças com idade entre 6 e 10 anos e 15 adultos (pais e mães) com idade entre 32 e 52, e se encontra vinculada a um projeto intitulado “Laboratório Cultural de Música”. O projeto é aberto a dependentes de trabalhadores do comércio, dependentes de empresários do comércio e público geral, proporcionando vivência em música por meio de práticas coletivas. Essa modalidade de aula de música acontece desde 2018 no projeto. Sobre as aulas é importante mencionar que acontecem aos sábados e tem duração de uma hora. Inicialmente, em 2018, as aulas eram somente com as crianças, porém, no decorrer dos anos envolvi os pais (responsáveis) em várias atividades e partir daí comecei a observar que a presença e participação deles exerciam impactos, no mínimo intrigantes, sobre as crianças e suas produções musicais. Alguns pais relataram melhoras no relacionamento com seus filhos, reflexos na autoestima, confiança e socialização dessas crianças. Estes relatos estavam em sincronia com o comportamento e o resultado musical das crianças em sala de aula. Elas pareciam sentir-se mais seguras para expressarem-se musicalmente.

Senti então, a necessidade de me debruçar nesta questão e melhor compreender a aprendizagem musical de crianças em conjunto com seus pais, visando analisar esses processos também a partir da parentalidade. Em outras palavras, levantei a seguinte questão: como se dá o ensino e aprendizagem da música em um processo de musicalização que envolve pais e filhos? Ou seja, o interesse está no desenvolvimento musical das crianças em conjunto com o desenvolvimento musical dos pais – inclusive no exercício da parentalidade em sala de aula.

A parentalidade se refere ao estado ou qualidade de ser pai, mãe ou cuidador e às responsabilidades associadas à criação e educação de filhos. Envolve o conjunto de papéis, obrigações, interações e influências que os pais exercem sobre o desenvolvimento físico, emocional, social e educacional de seus filhos. Silva (2023) define o termo como os processos de educação, cuidados e escolhas de conduta, pelos envolvidos na criação dos filhos, seja pelos pais ou pai, mãe ou mães, ou ainda,

avós, avôs ou tios – ou seja, pelo(s) adulto(s) responsável (is) pela criança.

Musicalização de pais e filhos

Nesta pesquisa, tomo por musicalização o processo educativo que visa promover o desenvolvimento musical de indivíduos, geralmente crianças, por meio de atividades práticas e teóricas relacionadas à música. Esse processo inclui a introdução a conceitos musicais como ritmo, melodia e harmonia, por meio das modalidades de fazer musical como canto, execução instrumental e apreciação musical é importante ressaltar que a musicalização não exige uma idade específica; no entanto, é particularmente focada em crianças devido aos benefícios que a música oferece durante o desenvolvimento infantil.

A aprendizagem musical pode influenciar a coordenação motora, a expressão emocional, a socialização, a criatividade e a imaginação, entre outras áreas. Contudo, esse não é o único motivo para a relevância da musicalização na primeira infância. É fundamental reconhecer que a musicalização é uma linguagem humana, indispensável e essencial para a formação integral de qualquer pessoa. Além disso, a primeira infância é a fase da vida mais propícia para a aprendizagem das linguagens de uma forma geral, o que torna esse período especialmente para a introdução da música.

Por musicalização infantil, tomo aqui o conceito trazido por (Brito, 1998; Gainza, 1982; Maldalozzo, 2019b; Penna, 2008) que definem musicalização infantil como um processo de sensibilização sonora no qual a criança passa a atribuir sentido aos conceitos musicais a partir de uma série de práticas ativas em que se envolve de maneira(s) significativa(s). Aliado a isso, Penna (1990) define musicalização como o ato de tornar-se sensível à música, de modo que, internamente, a pessoa reaja, mova-se com ela.

. Essa sensibilização por meio da música e dos sons, direcionada para o público infantil assume uma característica lúdica, onde os conteúdos musicais são trabalhados através de brincadeiras, jogos, cantigas, danças que envolvam a expressão da criança através da música. Como afirma Brito e Joly:

O termo “musicalização infantil” adquire então uma conotação específica, caracterizando o processo de educação musical por meio de atividades lúdicas, em que as notações básicas de ritmo, melodia, compasso, métrica, som, tonalidade, leitura e escrita musicais são apresentadas à criança por meio de canções, jogos, pequenas danças, exercícios de movimento, relaxamento e prática em pequenos conjuntos instrumentais (BRITO, 1998 opud JOLY, 2003, p. 116).

O tema desta pesquisa dialoga com várias outras no campo da educação musical. Diversos trabalhos têm discutido a aprendizagem musical de crianças a partir da sociologia da infância. Dentre eles destaco Cunha, Brito e Oliveira (2022) que trazem dados de levantamento de teses e dissertações sobre o tema entre 2008 e 2020. Carvalho (2020) apresenta a modificação ocorrida no conceito de infância em nossa sociedade e como tal modificação influencia o ensino de música na infância. No que se refere à parentalidade, destaco as pesquisas de Silva (2018) onde a pesquisadora investiga as possíveis conexões entre o comportamento dos adultos presentes nas aulas de música para os bebês e o desenvolvimento musical dessas crianças. Silva e Loth (2021) apresentam uma revisão bibliográfica referente a parentalidade no âmbito da educação musical internacional. Fonseca e Parizzi (2020) tratam do papel fundamental da música no nascimento do simbólico da vida humana, discutindo os conceitos de parentalidade intuitiva e musicalidade comunicativa e a evolução dos balbucios iniciais do bebê em direção a música e a palavra. Pereira e Broock (2021) apresenta um trabalho sobre o repertório oferecido para crianças no ambiente familiar. Silva (2023) aborda questões sobre as práticas de parentalidade que permeiam as gerações, às interações que ocorrem entre os avós, pais e filhos, os valores e sentidos que estas famílias atribuem à música e a forma que o contexto social influencia a rotina musical da família.

Entender a musicalização infantil com a participação dos pais e a aprendizagem musical dos pais em conjunto com os filhos, parece ser um caminho importante para potencializar a aprendizagem musical em família. Apesar da discussão ser relevante para a área, é também complexa e multifacetada, contemplando perguntas como: os processos musico-pedagógicos podem ser potencializados com a participação dos pais e filhos na mesma turma? Neste contexto, como ocorre o processo musico-pedagógico dos pais? Como se dá a relação entre pais e filhos nesse processo músico-pedagógico? Como os pais interagem

musicalmente com os filhos e vice-versa?

A pesquisa está sendo desenvolvida na abordagem qualitativa, a partir das técnicas de observação participante, rodas de conversas, entrevistas com os pais e crianças e registros gráficos dos participantes. A construção de dados iniciou no primeiro semestre de 2024 e segue em andamento. Os registros das aulas permitem que análises parciais estejam sendo realizadas e, por esta razão, trago neste texto, uma das cenas de campo do trabalho ora em andamento que ilustra a contribuição que a presença e a participação do pai realizam no processo de aprendizagem musical do filho e como isso interfere na relação pai-filho.

Cena de campo: Músicas da família

Uma das atividades propostas dentro das aulas, foi a de investigação do gosto/preferência musical da família, também de que forma a música está presente na vida e no dia-a-dia de cada uma. Então, as famílias receberam uma ficha onde preencheram duas informações: uma música que de alguma forma representasse o nascimento da criança e outra que representasse essa família.

Durante uma das aulas de retorno dessa atividade, um pai, identificado como Rodrigo², estava sentado ao lado de seu filho Lucas³, ambos engajados na atividade de apreciação e improvisos a partir das músicas que as famílias participantes levaram para a aula. Nesse momento, Rodrigo apresentou uma música intitulada “Deixe a Lua Sossegada”.

Essa música tem uma história bem interessante, meu avô cantava para minha mãe em italiano e minha mãe cantava para nós essa música inteirinha. Minha outra filha canta e toca ela. É uma música muito antiga, não sabíamos de onde veio, mas o compositor é João de Barro. A gente cantava a música, mas não em ritmo de marchinha de carnaval como em algumas gravações que encontrei. Hoje eu canto para os meus filhos, sempre quando nos reunimos cantamos essa música pois ela já faz parte da família. [...] Espero que o Lucas cante para seus filhos essa música tão especial. (Fonte: diário de campo,

² Nome fictício do pai participante

³ Nome fictício do filho participante

Após essa fala do pai, Lucas assentiu concordando que cantaria a música para seus futuros filhos, afim de continuar com a tradição da família. Enquanto Rodrigo nos contava a história por detrás dessa “música especial”, com entusiasmo, Lucas observava atentamente, ocasionalmente com um sorriso de concentração.

Nesse momento propus que realizássemos a execução dessa música com os instrumentos disponíveis na sala: xilofone, pandeiro, caxixi, flauta, escaleta. A princípio, reconhecemos a pulsação e o andamento e acompanhamos marcando o tempo da música com esses instrumentos.

Na segunda vez em que ouvimos a música e acompanhamos marcando sua pulsação, uma criança presente fez uma observação: no final da música “vai ficando mais lento e a música vai sumindo”. Essa percepção de alteração de andamento e intensidade foi observada e constatada logo em seguida pelos demais participantes. Então repetimos a prática, tocando mais devagar no trecho em que havia a alteração, até que sentimos a necessidade de um “aviso” para quando esse momento fosse ocorrer. A partir dessa necessidade sugeri que adotássemos um regente/conductor para a prática, e como a música tocada foi trazida pela família de Lucas, ele foi a criança eleita para reger. No primeiro momento da regência, Lucas apenas apontou a alteração de andamento e intensidade no final da música e nos contou que essa dinâmica fazia todo sentido com a letra da música: “Deixe a lua sossegada e olhe para mim” fazendo uma relação entre o “sossego” e o término da música.

Em um momento crucial da atividade, Rodrigo incentivou Lucas a liderar uma sequência rítmica, que partiu de um improviso de um participante. Lucas olhou atentamente para o pai com insegurança, e Rodrigo o encorajou com palavras de apoio como: “você consegue”, “vai lá, filho” e fez sugestões de gestos (que funcionariam como sinais de regência) para demonstrar aos demais participantes como poderiam tocar a música “DELES”, isso sem dizer “faça assim” “toque esse ritmo” somente sugeriu e incentivou o filho a criar. Então Lucas regeu o grupo indicando o momento em que cada instrumento deveria tocar ou parar. Também, fez indicações de intensidade, andamento e no caso dos instrumentos como escaleta e xilofone, indicou que tocassem na região mais aguda.

Esta interação não apenas demonstrou o envolvimento ativo de ambos na aprendizagem musical, mas também evidenciou o papel de Rodrigo como um modelo positivo e motivador para seu filho. A cena ilustrou a dinâmica afetiva entre pai e filho durante o processo de aprendizagem musical, e também ressaltou a importância da interação familiar na formação de experiências educativas significativas e no fortalecimento dos laços emocionais entre as gerações.

A família representa uma instituição que influenciará fortemente na construção de significados e sentidos no processo de subjetivação e constituição dos sujeitos que a compõem, portanto, em suas identidades (Pessoa e Costa, 2014; CAMPOS et al., 2017; MARQUES et al., 2022). Assim, podemos conceber que a música que está na família por gerações serve como um veículo para transmitir valores, tradições e a identidade cultural da família. Cantar essa música reforça os laços emocionais entre pais e filhos, propiciando um senso de pertencimento e continuidade.

O ato de compartilhar uma música significativa pode promover uma conexão emocional profunda entre pai e filho. Isso é crucial para o desenvolvimento emocional da criança, pois demonstra amor, apoio e interesse genuíno por parte dos pais. Esse compartilhamento da música da família de Lucas e Rodrigo proporcionou o envolvimento e a participação das demais famílias. Além de se sentirem mais seguras em compartilhar uma música que representa um momento único e pessoal, se sentiram encorajadas a experimentar os instrumentos, apreciar, vivenciar os parâmetros sonoros apresentados e a criar seus próprios sons e músicas.

Um dos pontos que mais chamou a atenção foi que o pai poderia ter sugerido algum ritmo ou acompanhamento, mas optou por transferir esse protagonismo ao filho o incentivando e o encorajando constantemente. Estudos recentes têm defendido que essa troca de conhecimento ocorre de maneira natural, independentemente dos métodos utilizados para adquirir e transmitir habilidades musicais. Contudo, como Kramer (2000) argumenta, vivemos em uma sociedade adultocêntrica que muitas vezes negligencia a perspectiva das crianças, falhando em reconhecer suas capacidades e contribuições significativas. Em palavras da autora estamos “olhando de cima as crianças e não na altura de seus olhos” (KRAMER, 2000, p. 12). Este episódio na turma citada, não apenas contrapõe essa visão adultocêntrica, mas também revela a riqueza de aprendizado mútuo que pode ocorrer quando pais e filhos

compartilham experiências musicais em um contexto de igualdade e colaboração.

Ainda, segundo Nery (2003), o vínculo familiar é formado, principalmente, pelos laços emocionais que criamos com membros que compõem o primeiro ciclo de convívio em sociedade desde o nascimento. Sendo assim, cada fase de desenvolvimento do indivíduo é importante, e com isso é necessário buscar entender o que este indivíduo sente em relação aos desafios que vivenciam e como podem ser ajudados nesse processo. No momento em que o pai compartilhou a música que eles cantam em casa e os dois puderam mostrar juntos tocando com o grupo, evidenciou um possível fortalecimento desses laços emocionais que os permeiam.

No que se refere a aprendizagem musical, nessa cena fica em destaque vários aspectos, entre eles: apreciação musical, escuta ativa, ostinato rítmico, andamento, timbre e duração. No momento inicial, ocorreu a apreciação da música, mas não só a escuta, os participantes participaram ativamente marcando o andamento com palmas e em seguida com os instrumentos que estavam tocando. Ainda, demonstraram o entendimento ao que se diz respeito do timbre, identificando os instrumentos que ouviram: caixa clara, violão, caxixi, pandeiro e voz. Esse último, quando mencionado, gerou surpresa nas crianças. “A voz é um instrumento? Como pode ser?” Então, começamos a discussão de como considerar algo como instrumento, e pais e filhos concluíram que o critério é “emitir som”. A partir desse momento listamos coisas que podem ou não ser instrumentos, para fixar esse conceito.

Outro aspecto que foi trabalhado nesse momento, foi a assimilação do andamento da música. Os participantes acompanharam com as palmas e quando a música parou, eles continuaram tocando e mantendo o andamento, demonstrando domínio em relação a esse aspecto sonoro.

Em relação ao ritmo, houve um momento em que Renato conduziu o grupo na prática da música de acordo com o ritmo da melodia, evidenciada pela letra, identificando rapidamente as células rítmicas.

Considerações

finais

A partir da análise dessa cena de campo concluí que ao testemunhar o pai cantando uma música que representa a família, o filho aprende sobre a importância

de preservar tradições familiares e como essas práticas podem ser transmitidas às gerações futuras. Ao expressar o desejo de cantar essa música para seus próprios filhos no futuro, o filho demonstra uma reflexão sobre o seu próprio papel como futuro pai, potencialmente influenciando suas atitudes e expectativas em relação à parentalidade.

Outro aspecto observado e analisado foi que ao participar ativamente da execução da música, os participantes demonstraram aprender sobre a música em si (timbre, duração, intensidade, andamento e altura, desenvolvimento e aperfeiçoamento da percepção auditiva, imaginação, coordenação motora, memorização, socialização, expressividade), e também desenvolver um maior apreço pela música como forma de expressão cultural e emocional. A intenção dessa atividade de trazer a música da família, foi também uma tentativa de investigação de uma música que a família gosta, a representa e por algum motivo se identifica. E só a partir daí iniciarmos um processo composicional. De acordo com experiências anteriores nessa turma, quando partimos de uma música em que as crianças se identificam, além de mais prazerosa, a prática musical passa a ter um significado mais claro. Além disso, é notável a sensação de pertencimento que esse tipo de atividade pode gerar.

As aulas de música com pais e filhos tem se mostrado um meio importante e potente de aprendizagem musical, onde adultos e crianças colaboram, construindo saberes e compartilhando experiências.

Referências

CARVALHO, Anderson Carmo. Sociologia da infância e Educação Musical: um encontro inevitável. Anais do SIMPOM, n. 6, 2020.

DA CUNHA, Sandra Mara; BRITO, Dhemy Fernando Vieira; DE OLIVEIRA, Sarah Gervasio Nascimento. Educação musical e sociologia da infância no Brasil: diálogos em construção. OPUS, v. 28, p. 1-21, 2022.

DA SILVA, Bruna Williena; LOTH, Vania Malagutti. Parentalidade Musical: conhecendo a produção internacional em educação musical. In: XXV Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. 2021.

KRAMER, Sonia. O papel social da Educação. In: Textos do Brasil. Brasília, 2000.

NERY, M. D. P. Vínculo e afetividade – caminhos das relações humanas. [s.l.] Àgora, 2003.

PARIZZI, Betânia. A música (muito) além da música. PISTA: Periódico Interdisciplinar [Sociedade Tecnologia Ambiente], v. 2, n. 1, p. 38-46, 2020.

PEREIRA, Vinícius Carlos; BROOCK, Angelita Maria Vander. O bebê, a música e a infância: A música no ambiente familiar. In: XXV Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. 2021

PENNA, Maura. Reavaliações e buscas em musicalização. Loyola, 1990.

SILVA, B. Parentalidade e intergeracionalidade: processos (in) visíveis de educação musical. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) - Programa de Pós Graduação em Música, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, p. 123. 2023.

QVORTRUP, Jens. Visibilidades das crianças e da infância. Linhas Críticas , p. 23-42, 2014.